

**GRUPO CENTRADO NA PESSOA:
ESPAÇO DE CUIDADO À SAÚDE MENTAL MATERNA**

EIXO TEMÁTICO 8: Corpos que Gestam, Maternidade, Assistência à Saúde Materna e Violência. Narrativas Literárias, Ética e Bioética nos Cuidados em Saúde; Movimentos Sociais e Relatos de Experiência

Adriana Mendes Barbalho ¹
Larissa Léia da Costa ²
Fernanda Cândido Magalhães ³

RESUMO

A gestação, parto e puerpério se constituem como uma experiência biopsicossocial que acarreta modificações tanto na vida privada, quanto no âmbito social. Nesse sentido, a mulher se depara com cobranças, comparações, julgamentos, seu jeito de ser e maternar passa agora a ser inspecionado em duplicidade, com ênfase às questões de gênero. Assim, essa pesquisa de mestrado em psicologia da UFMT realizada em uma UBS, buscou compreender mulheres que estivessem vivenciando a gestação e puerpério. Esse estudo qualitativo, por meio de grupos de encontros fundamentados na ACP, evidenciou a relevância de atividades voltadas à assistência ao parto, ao enfrentamento da violência obstétrica, ao amparo e orientação à mulher frente a sua realidade corpórea- psíquica.

Palavras-chave: Gestantes e Puérperas; Grupos de Encontro; Abordagem Centrada na Pessoa.

¹ Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT, adrianambarbalho@gmail.com;

² Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT, larissa.leia@hotmail.com;

³ Orientadora de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Psicologia - UFMT, fernanda.candido2010@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Este trabalho diz respeito aos resultados parciais de uma pesquisa, desenvolvida a fim compreender mulheres gestantes e puérperas atendidas pela rede primária de atenção, tendo em vista que nesse momento desse ciclo vital essas mulheres vivenciam de modo mais intenso e veemente suas emoções, estando imersas agora em uma realidade que chega trazendo novos desafios como a amamentação, a mudança corporal, adaptações na rotina, novas responsabilidades, entre outros. Já no quesito social a mulher se depara com cobranças, comparações, julgamentos, seu jeito de ser e maternar passa agora a ser inspecionado em duplicidade, com ênfase às questões de gênero. Em contraponto a isso, a pesquisadora promoveu encontros que propiciaram espaços comprometidos em escutar, acolher e combater as violências que perpassam as experiências das mesmas.

O parto e nascimento é um fenômeno biológico, histórico e cultural, representado até então por ser um evento feminino de dinâmica fraternal e assistencial. Esse contexto que antes tinha como figura determinante a parteira, tornando necessária a presença dos médicos somente em casos esporádicos, foi perdendo sua identidade e autonomia aos poucos (DINIZ, CHACHAM, 2002; DINIZ, 2005; TORNQUIST, 2004). Sujeitando assim, passivamente, gestantes e parturientes ao modelo denominado por Robbie Davis Floyd de Tecnomédico/tecnocrático, marcado por um ambiente de controle, patologizante, de disciplinarização dos corpos e de práticas medicalizantes. A mulher nessa concepção de assistência é considerada como máquina, essencialmente defeituosa, fracionada e ignorante frente a seu processo de cura (BRASIL, 2014; REIS, COTERNO, 2020). Ou seja, o que antes era “[...] protagonizado em maior parte pelas mulheres, passa a ser de domínio quase exclusivo dos homens, já que são eles e apenas eles que têm acesso à formação científica” (PALHARINI; FIGUEIRÔA, 2018, p.1040).

Em contraposição a esse cenário marcado por intervenções e uso abusivo de tecnologias, que muitas vezes impunham violências à mulher durante à gestação, parto e puerpério, surgem as políticas de humanização desses processos, como símbolo de resistência ao modelo hegemônico. Nesse sentido, a Organização Mundial da Saúde e o Ministério da Saúde criaram Programas e Políticas ao longo dos anos visando assegurar e alcançar a assistência humanizada na gestação e parto. Com isso, criou-se o Programa de Humanização no Pré-natal e Nascimento (PHPN), em 2000, objetivando a melhoria do acesso, da cobertura e da qualidade do acompanhamento de pré-natal, da assistência

ao parto e puerpério às gestantes e ao recém-nascido (BRASIL, 2002; MATOS *et al*, 2013).

Portanto, considerando que a vivência desse ciclo vital, composto pela gestação, parto e puerpério se apresenta como uma experiência significativa, permeada de alterações não somente físicas, mas biopsicossociais, se mostra fundamental uma assistência de pré-natal que contemple os diversos aspectos dessa vivência. Nessa perspectiva, esta pesquisa se ampara nos pressupostos da Abordagem Centrada na Pessoa (ACP) e utilizando das atitudes facilitadoras: *Congruência, Consideração Positiva Incondicional e Compreensão empática* realizou grupos com gestantes e puérperas com a finalidade de proporcionar um espaço de liberdade, segurança e acolhimento no qual as mulheres se sentiram aceitas e confortáveis para compartilhar suas vivências.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

A presente pesquisa encontra-se em situação de resultados parciais, sendo concluída a coleta, dirigindo-se no presente momento para o avanço na compreensão teórica de informações. A proposta se caracteriza como qualitativa, de caráter experiencial e fenomenológica, sendo a coleta das informações realizada por meio de grupos na perspectiva da ACP.

Os grupos foram realizados com mulheres gestantes e puérperas atendidas em uma Unidade Básica de Saúde, totalizando cinco encontros, com duração média de uma hora e trinta minutos cada. Os encontros foram registrados pela pesquisadora com a produção de suas Versões de Sentido (VS) que se caracterizam como um indicador o mais direto possível do sentido do encontro, da experiência vivenciada, composta por “[...] um relato livre, que não tem a pretensão de ser um registro objetivo do que aconteceu, mas sim de ser uma reação viva a isso, escrito ou falado imediatamente após o ocorrido [...]” (AMATUZZI, 2008, p. 76).

No último encontro foi desenvolvida a entrevista fenomenológica em grupo, iniciada com uma questão aberta e exploratória orientada pelos objetivos da investigação. Essa ferramenta “[...] é considerada como um “encontro social”, cuja dinâmica necessita primordialmente da empatia e da intersubjetividade, para que ocorra a apreensão mútua de percepções, significados, vivências” (JUNIOR; MONTEIRO, 2012, p.21).

COMPREENSÕES PARCIAIS DAS INFORMAÇÕES

Apresentamos a seguir uma sucinta análise de algumas das vivências partilhadas pelas participantes utilizando-se do referencial teórico da Abordagem Centrada na Pessoa.

Um conteúdo presente logo no primeiro grupo durante a apresentação dos objetivos e que merece destaque é que “[...] *são muitas mudanças que ocorrem que nem sempre são fáceis e que é muito bom ter um espaço assim, por ser sua primeira gestação tem muitas dúvidas e incertezas. E que nem sempre se sentiu bem com a gestação, principalmente mais no início, com muitos enjoos, e ter que trabalhar, e que todo mundo em volta sempre espera que esteja feliz, que várias vezes respondeu que tava tudo bem porque é isso que as pessoas querem ouvir, elas não entendem se falar que não tá bem, ou não tá feliz naquele momento*”. Assim, quando pensamos em liberdade no espaço grupal, nos remetemos à fala de Rogers (1970) ao pontuar que a manifestação pessoal de determinados participantes do encontro evidencia que é provável um contato mais intenso e crucial, e o grupo aparenta se esforçar espontaneamente nesse propósito. Por vez com ternura, outras quase de modo rude, o grupo demanda que a pessoa seja ela mesma, que não camufle suas emoções habituais, que se desfaça de seu disfarce utilizado no convívio social. Ou seja, ser o que se é, é imergir completamente em um processo, a transformação torna-se possível por meio da facilitação, e naturalmente ordenada ao máximo, quando se revela ser o que realmente se é. Ela já buscou mudar, mas deparou-se presa atribuída a ações que lhe descontentam (ROGERS, 1985).

O clima criado no grupo permite desse modo a vivência de constructos experienciados sob a permissividade, como em um momento do grupo no qual uma das participantes, “[...] *acessa muitos sentimentos e emoções que estão mais presentes nesse momento da gestação, como o medo de sentir muito cansada e sobrecarregada quando o bebe nascer, e que isso às vezes a faz perder o sono [...]*”. Tal acontecimento torna claro que quando a pessoa está receptiva à sua vivência, essa tem alcance aos elementos dispostos na circunstância, sendo esse o referencial para suas ações. Ela tem consciência de suas emoções e motivações, que são constantemente embaraçosas e discordantes. A pessoa está espontaneamente habilitada para perceber as cobranças sociais, desde regras inflexíveis a vontades de pessoas do seu círculo pessoal (ROGERS, 2000).

A vivência grupal propiciou ainda às mulheres uma dinâmica de aprendizagem frente aos seus próprios sentimentos e especialmente na maneira que essas se expressam diante deles, como foi mencionado em certo momento do grupo no qual uma delas disse

estar “[...] surpresa com ela mesma, porque sempre teve vergonha de se expor e que está conseguindo falar e que isso está sendo muito bom, e que ser um grupo pequeno talvez ajude nisso” e ainda, [...]hoje e nos últimos dias está se sentindo mais disposta e dormindo melhor, e que foi algo que falamos na semana passada que a fez lembrar que teve um período que fez meditação e foi muito bom e que voltou a fazer toda noite e está ajudando a dormir melhor”. Esse movimento coloca-nos em contato com os ensinamentos adquiridos por Rogers (1987, p.11) perante seu arcabouço teórico e vivencial, ao colocar que:

Posso testemunhar o fato de que quando estamos numa situação psicologicamente dolorosa e alguém nos ouve sem nos julgar, sem tentar assumir a responsabilidade por nós, sem tentar nos moldar, sentimo-nos incrivelmente bem! Nesses momentos, esta atitude relaxou minha tensão e me permitiu pôr para fora os sentimentos que me atemorizavam, as culpas, a angústia, as confusões que tinham feito parte de minha experiência. Quando sou ouvido, torno-me capaz de rever meu mundo e continuar. É incrível como alguns aspectos que antes pareciam insolúveis tornam-se passíveis de solução quando alguém nos ouve.

Na medida que o grupo acessa esse clima caloroso e permissivo, ele flui conforme a dinâmica daqueles que ali estão presentes e íntegros, como por exemplo se evidencia pela postura de algumas participantes que transgrediram as barreiras em se expressar, ocorrendo também a ação do dispor-se no ouvir, no aceitar, no incluir, como é possível constatar no seguinte trecho descrito pela pesquisadora “*Elas sempre demonstravam interesse pelo que a outra estava compartilhando, de ouvir mesmo, compreender, de interagir*”.

Uma das consequências mais rotineiras na relação de ajuda, é a essa altura a pessoa conseguir com mais efetividade se vincular mais tranquilamente com os outros, de forma a experimentar sentimentos mais acolhedores e desempenhar uma disposição mais verdadeira pelos outros. Posto que essa pessoa está vivenciando uma fase de um desnivelamento psíquico para um contato mais sadio com os outros, e com sua própria realidade (ROGERS, 1987).

No decorrer dos grupos, dinâmicas relacionais, colocações vivenciais, percepções sentimentais e tantas outras questões se fizeram presentes, mas cabe frisar também como as participantes frente aos tantos papéis que exercem na sociedade, sentem-se atravessadas pelas imposições externas que atuam em discordância com a realidade interna delas, compreendendo o fato que cada uma vive, sente e atua perante sua realidade de modo único e incomparável. Veja o que a participante disse sobre a gestação que ela está vivendo, “[...] *essa que foi planejada está sendo a mais difícil. E que sua mãe disse que é porque é menino, que foi assim com ela também*”.

Esse assunto possibilita-nos refletir acerca da aceitação positiva de pessoas consideradas a partir de um fator positivo, sendo essa considerada como um parâmetro critério, tornando-se assim um estímulo direcionador e regulador mais intenso que o recurso de consideração “organísmica”, pois a pessoa pode optar pelos apontamentos que são dados desses indivíduos, ao invés dos sentidos que potencializam sua própria tendência atualizadora. Pois, sabe-se que quando uma vivência “[...] relativa ao eu é procurada — ou evitada — unicamente porque é percebida como mais — ou menos — digna de consideração de si, dizemos que o indivíduo adquiriu um modo de avaliação condicional” (ROGERS; KINGET, 1977, p.199).

Visto que, quando se tem acesso a uma relação facilitadora, a pessoa consegue transpassar esse viés condicionado ao outro, e deixa de ter como critério o discurso e experiência externos, conseguindo então, atuar segundo sua própria diretriz tendo a consciência mínima do que é melhor para ela, ou mesmo do que ela passa naquele momento. Como nos mostra um descrito da pesquisadora referente a participante que “[...] ficou incomodada com uma enfermeira, que ficava falando coisas sobre a evolução do parto como se fosse todo mundo padronizado sabe, que ela podia ficar tranquila que ia demorar horas para terminar de dilatar e depois de uns 20 minutos quando ela falou que tava nascendo não acreditaram, só quando viram”.

Tal fato, chama-nos a atenção para inúmeras questões, dentre elas a descrença no tratamento para com as pessoas. Tendo em vista que toda pessoa detém uma disposição inerente a atualizar suas habilidades orgânicas. O ser humano tem o potencial de dizer de si e das suas vivências de modo claro, bem como preciso, tendo assim propensão a desempenhar essa habilidade. Até mesmo porque à medida que a pessoa estiver em maior concordância com o eu e a vivência, maiores serão as chances de seu funcionamento de modo tranquilo e ordenado (ROGERS; KINGET, 1977).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante a breve exposição e análise, consideramos que o grupo se constituiu como uma intervenção psicológica pertinente, o qual propiciou espaço de acolhimento e cuidado, a troca e fortalecimento entre mulheres que compartilham sentimentos, emoções e experiências comuns à vivência da maternidade.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de atenção à saúde. **Programa de Humanização do Parto:** humanização no pré-natal e nascimento. Brasília, 2002.

BRASIL. Ministério da Saúde. Universidade Estadual do Ceará. **Humanização do parto e do nascimento.** Brasília: Ministério da Saúde, 2014.

DINIZ, C. S. G. **Humanização da assistência ao parto no Brasil:** os muitos sentidos de um movimento. Ciênc. saúde coletiva, Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, p. 627-637, 2005.

DINIZ, S. G.; CHACHAM, A. Dossiê Humanização do Parto. **Rede Nacional Feminista de Saúde, Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos.** São Paulo, 2002.

JUNIOR, J. G. S.; MONTEIRO, C. F. S. Vivência da entrevista fenomenológica com usuários de crack: um relato de experiência. **Cultura de los cuidados**, v. 16, n. 32, 2012.

MATOS, G. C. de *et al.* A trajetória histórica das políticas de atenção ao parto: uma revisão integrativa. **Revista de Enfermagem UFPE on line**, v. 7, n. 3, p. 870-878, 2013.

PALHARINI, L. A.; FIGUEIRÔA, S. F. M. Gênero, história e medicalização do parto: a exposição “Mulheres e práticas de saúde”. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.25, n.4, out. dez. 2018, p.1039-1061.

REIS, A. C. E.; CONTERNO, S. de F. R. O cenário do nascimento: desapropriação e dominação do corpo feminino. *In:* SOARES, A. S. F.; MARTELLI, A. C.; GARCIA, D. A. (org.). **Gêneros e sexualidades:** em tempos de (re) existência. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020. 302 p. ISBN: 978-65- 5869-005-4. [Digital].

ROGERS, C. R.; KINGET, M. G. **Psicoterapia das relações humanas:** Teoria e prática da terapia não diretiva. 2. ed. Tradução Maria Luiza Bizzotto. Belo Horizonte: Interlivros, 1977. v. 2.

ROGERS, C. R. **Tornar-se pessoa.** 7. Ed. Lisboa: Moraes Editores, 1985.

ROGERS, C. R. **Um Jeito de Ser.** São Paulo: EPU, 1987.

ROGERS, C. R. **Grupos de Encontro.** São Paulo: Martins Fontes, 1970.

TORNQUIST, C. S. **Parto e Poder: O movimento pela humanização do parto no Brasil.** 2004. Tese (Dourotado em Antropologia) - Programa de Pós-graduação em Antropologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.



VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação
em Sexualidade, Gênero,
Saúde e Sustentabilidade

